

Em uma ilha no meio do oceano pacífico, se erguiam dois grandes reinos, o reino de Astoria, liderado pelo rei Dominos II e o reino de Solaria, liderado pelo rei Helios Sun.

Os reinos partilhavam suas conquistas e também suas matérias-primas como ouro e diamantes, que eram encontrados no reino de Solaria e Prata e Pérolas encontrados no reino de Astoria. Porém, um acontecimento inusitado mudaria totalmente o cenário entre eles.

Era uma tarde normal em Astoria. Layla, uma moradora do reino, estava jogando xadrez com seu amigo Gustavo do reino vizinho.

G- haha! Xeque- Mate!

L- Ah, você deve tá roubando! Já é a terceira vez que você ganha!

G- Eu? Roubando? jamais!

L- Aham! confia!

G- É que você não quer admitir que eu sou muito melhor que você!

L- Nem preciso! Eu sei que você é!

G- Ainda bem que sabe!

L- Ai, cansei de jogar! Vamos dar uma volta pela feira?

G- Cansou mesmo, ou só tá desistindo do jogo por perder três seguidas?

L- Ah vai! vamos dar uma voltinha na feira!

G- Tá bom, tá bom!- ele diz rindo.

Os dois amigos então se levantam do chão e vão até a feira local que fica a uns dois quarteirões da casa de Layla. Eles vão caminhando e conversando. A feira está lotada, gente de todas as classes comprando especiarias, artefatos místicos e joias. Toda a população do reino de Solaria vem comprar suas coisas na feira de Astoria e visse e versa. Pessoas de alta, média e baixa classe. Layla pertence à classe média, mora nas casas que ficam em volta do castelo do rei; Gustavo pertence à classe alta, é soldado da corte do castelo de Solaria.

L- Ei Gus! Você viu as novas peças de ouro que os artesãos de Astoria fizeram?

G- Ainda não.

L- Vem aqui ver!!

Layla pega na mão de seu amigo e o puxa em direção a uma das tendas de joias. Era a tenda da madame Leonor, que tratava Layla como se fosse sua filha. Lá tinham joias do mais fino ouro de Solaria, todas feitas à mão.

L- Bom dia, madame Leonor!

M- Bom dia, minha querida!

Elas se cumprimentam com um abraço.

L- Eu trouxe meu amigo Gustavo para ver as novas joias feitas com o ouro de Solaria!

M- Ahh simm! Seja bem-vindo à minha loja!

G- Obrigado!

M- Me acompanhem!

Madame Leonor os leva até a parte dos fundos da tenda, onde há uma mesa, e em cima dela estão todas as peças de ouro, brincos, braceletes, pulseiras, anéis e colares.

M- Vou deixar vocês olharem com calma!

A senhora volta para a frente da tenda para atender seus clientes, deixando os dois a sós.

G- Uau! São lindas!- ele diz olhando tudo

L- Simm!! A madame Leonor e os outros artesãos fazem um trabalho impecável!

G- Sim, realmente!

Ele olha todas as peças com cuidado e depois olha para Layla, e percebe que ela só usa acessórios de prata.

G- Quanto custa essas peças?

L- Ah, varia de 150 a 600 libras. Depende da peça!

G- Qual anel você gostou?

L- O quê?

G- Qual anel você achou mais bonito daqui?

L- Você tá falando sério?

G- Sim, pode escolher!

L- Mas é que eu...

Gustavo coloca sua mão sobre a boca de Layla, indicando para ela parar de falar.

G- Só escolhe. Vai ser um presente meu pra você!

L- Ah... tudo bem!

Ela olha todas as peças que estão na mesa, e escolhe um anel com um pequeno diamante roxo.

L- Esse aqui!

G- Hum, boa escolha! Vai ficar lindo em você!

Ele pega o anel que está dentro de uma caixinha, e pega a mão direita de Layla. Ela olha fixamente para o anel, e quando ele vai colocá-lo em seu dedo, ela fecha os olhos bem forte. Gustavo coloca o anel no dedo de Layla, e quando a peça entra em contato com sua pele, ela sente uma leve queimadura, deixando seu dedo vermelho.

L- Ai...

G- O que aconteceu??

L- Nada, é que... eu senti uma queimadura no meu dedo, só isso.

G- Eita! Você deve ter algum tipo de alergia ao ouro.

L- Acho que sim.

G- Se você quiser eu compro um anel de prata pra você!

L- Não, não precisa!

G- Mas ele não vai te machucar?

L- Logo eu me acostumo com ele!

G- Ah, tudo bem então!

Ele então dá um beijo na mão de Layla, que rapidamente sente a queimadura sumir. Ela acha aquilo muito estranho, mas não comenta nada com seu amigo. Eles voltam para a frente da tenda, onde Gustavo paga pelo anel. Os dois saem e continuam andando pela feira. Quando eles estão passando perto da fonte da praça de Astoria, eles escutam a conversa de duas camponesas de Solaria.

C¹- Você viu os novos boatos?

C²- Que boatos?

C¹- O rei Dominos II está a abrigar uma bruxa em seu reino!

C²- Não creio! Isso é um absurdo!

C¹- E parece que o rei Helios não sabe nada sobre isso.

C²- Meu Deus! Você pretende contar?

C¹- Ainda não sei, mas quanto mais rápido o rei saber melhor! Assim essa bruxa terá o fim que merece!

Gustavo puxa Layla para longe das camponesas, a levando para trás de um muro.

G- Você ouviu o que eu ouvi?

L- Ouvi!

G- É verdade isso? O rei Dominos II está mesmo abrigando uma bruxa aqui?

L- Quê? Lógico que não Gus!

G- Certeza?

L- Claro! Eu moro quase dentro do castelo, e sei tudo o que se passa nesse reino! Não ouvi nada sobre isso!

G- Se é assim, vou confiar!

L- Estás a duvidar de mim senhor soldado?- ela diz toda debochada com os braços cruzados.

G- Eu? Imagina!

Os dois começam a rir e resolvem voltar para a casa de Layla, pois já estava escurecendo. Lá, Layla prepara um jantar para eles.

L- Hoje você vai comer uma comida típica daqui!

G- O quê?

L- Salmão!

G- Eita, sério?

L- Simm!

Ela serve o peixe para ele, que logo o degusta. Gustavo olha para Layla com uma cara de impressionado.

G- Humm, isso aqui tá muito bom!!

L- Sabia que você ia gostar!

Ao terminarem de jantar, Gustavo resolve ir embora pois já passara das 20:00.

G- Bom, eu já vou indo! Senão o tenente come meu fígado no café da manhã!

L- Eita, verdade! Vai lá! Boa noite! Cuidado com a estrada da floresta!

G- Boa noite! Pode deixar!

Eles se abraçam e logo Gustavo some na escuridão da noite. Layla fecha a porta e vai até o sofá, onde se senta, pensando no que as camponesas haviam falado mais cedo. Logo, seu gatinho aparece, subindo no sofá e se deitando em seu colo.

L- É Salém! Coisa boa não está por vir!

No dia seguinte, Layla acordou, tomou café, e saiu. Quando estava passando pelo portão de entrada do Castelo, percebeu uma movimentação muito grande, e resolveu ir ver o que era. Chegando lá dentro, percebeu que muitos comerciantes do reino de Solaria estavam lá, indignados, querendo saber se realmente havia uma bruxa ali em Astoria. Os guardas reais estavam bloqueando a passagem deles, então o rei saiu na sacada do castelo, e fez um breve pronunciamento.

D- Cidadãos de Solaria! Peço a todos que se acalmem! Não há nenhuma bruxa aqui! E mesmo se tivesse, já teria sido queimada viva em praça pública! Retornem aos seus trabalhos, não há nada para se preocuparem!

Logo, um dos comerciantes também se pronuncia.

C- O rei Helios já está sabendo de tudo! Hoje mesmo ele virá conversar pessoalmente com o senhor! Aí tudo será resolvido!

Layla sai de lá preocupada.

Às 12:00 em ponto, o rei Helios chega no reino de Astoria, acompanhado de seu exército real. Gustavo estava junto. Como Layla fazia parte do exército feminino da corte real do rei Dominos, ela também estava lá nessa reunião. O encontro aconteceu bem no meio da praça central.

H- Então, caro rei Dominos! É verdade que há uma bruxa escondida nesse reino?

D- Isso são calúnias! até porque se tivesse uma bruxa aqui, já teria sido queimada viva!

H- Não é o que parece! Cidadãos de Solaria dizem ver uma moça toda noite vagando pela floresta de cogumelos ao sul de Astoria! Somente bruxas utilizam esse tipo de planta!

D- Não há nenhuma bruxa aqui rei Helios!

H- Dias atrás foi avistado um gato preto andando por uma de minhas plantações de hortaliças. No dia seguinte, todas as plantas estavam murchas! Gatos pretos são animais de estimação de bruxas!

D- E quem garante que o gato preto não veio de seu próprio reino?

H- Ele caminhou em direção ao norte de seu reino, talvez porque a dona dele mora aqui!

D- Já chega Helios! Não há nada aqui!

Enquanto os reis estavam discutindo, Layla e Gustavo estavam atrás de uma parede de pedras, conversando sobre.

L- O clima tá tenso! Isso não vai acabar bem!

G- Calma Lay! Vai dar tudo certo! Se o rei Dominos não tem nada a esconder, não há porque se preocupar.

Gustavo puxa Layla para um abraço, tentando confortar a amiga.

De repente, eles percebem uma agitação vindo dos soldados de ambos os lados.

H- Eu perdi 1 hectare de hortaliças! Exijo que você me dê o dobro de terra, já que o prejuízo foi causado por um animal de uma bruxa de seu reino!

D- Jamais! Não me responsabilizo por algo desse tipo! Já disse que não há nenhuma bruxa por aqui!

H- Ah, não vai admitir não é? Pois bem rei Dominos! A partir de hoje, o reino de Solaria não exporta mais matérias-primas para o reino de Astoria!

D- E o reino de Astoria não possui mais alianças com o reino de Solaria! Portanto vocês terão que devolver a porção de terra leste do oceano pacífico!

H- Nunca! Para isso terá que passar por cima de meu exército!

D- Pois bem! É guerra que você quer, é guerra que vamos ter!

Os soldados de Astoria começaram a separar os comerciantes do reino dos comerciantes de Solaria. Muitas famílias foram separadas por conta disso, já que muitos cidadãos eram casados com pessoas do reino vizinho. Logo, os soldados de Solaria avistaram Layla e

Gustavo juntos e logo os separaram também, puxando Gustavo para o lado deles e afastando Layla com uma espada apontada para ela. Ela olha pra Gustavo, e sinaliza com seu olhar que irá tentar dar um jeito de acabar com isso, o mesmo faz um gesto de positivo. Provavelmente eles nunca mais se veriam, apenas em campo de batalha, já que eles agora não poderiam circular dentro do território “inimigo”.

Os grandes muros de ambos os reinos agora eram vigiados por soldados armados o tempo todo, impedindo a passagem de qualquer um que seja.

A atmosfera ficou pesada, e a feira, que antes era cheia de pessoas, estava vazia. Não havia uma alma viva sequer ali, todos estavam com medo da guerra e também da tal bruxa. O rei Dominos II reuniu todos os seus melhores soldados para uma reunião dentro do castelo. Como Layla era boa com espadas, foi chamada para lutar também.

D- Reuni todos aqui para dizer algumas regras básicas: Não tenham dó nem piedade de ninguém! se vierem pra cima, matem! não quero ver um soldado Solariano vivo! E se vocês encontrarem essa tal bruxa, a queimem viva!

Layla então resolve se pronunciar.

L- É, com licença vossa majestade! Queria fazer um questionamento sobre.

D- Diga soldada Queen!

L- Queria fazer uma breve observação sobre essa tal bruxa.

D- Sou todo ouvidos.

L- Não sei se vocês, soldados Astorianos, ou até mesmo você, vossa majestade, já pararam para refletir que nem todas as bruxas praticam magia negra! Existem bruxas de magia branca, bruxas naturais, que praticam a filosofia da natureza, estudando cristais por exemplo! Não é necessário cometer essa crueldade toda!

D- Me desculpe, soldada Queen! mas eu discordo! Não existem bruxas boas, todas elas são praticantes de magia negra! e merecem a morte!

L- Mas majestade...

D- Sem mas, a ordem já foi dada! Quem descumprir terá como punição a força!

Layla hesita em questionar mais uma vez e deixa a sala do trono em direção ao enorme corredor de acesso ao castelo. Conforme ia caminhando, estava pensando em como acabar com essa guerra e em como iria se comunicar com seu amigo, que está do outro lado daqueles enormes muros cheios de soldados sedentos por sangue e mortes.

Do outro lado, no reino de Solaria, o rei Helios Sun estava a dar ordens de como os soldados deviam agir em campo de batalha.

H- Se cruzarem com algum soldado ou qualquer cidadão Astoriano, cortem suas cabeças e arranquem seus corações!

Todos os soldados- SIM MAJESTADE!!!

Gustavo apenas mexeu a boca, mas não disse uma palavra. Ele não concordou com isso. Estava pensando em sua amiga.

Logo, todos os soldados foram enviados para a batalha. Primeiro ataque seria com canhões. Eles já estavam posicionados em cima dos muros, apontando para o castelo do reino vizinho. Ao sinal, foram disparados três bombas.

Em questão de segundos, o reino de Astoria foi bombardeado. As bombas acertaram uma das torres do castelo, a fonte da praça e o portão de entrada do Castelo. O rei Dominos ficou furioso e mandou sua tropa para o combate também. Layla viu o ataque pelos grandes vitrais do corredor central e não pensou duas vezes em se juntar aos outros soldados. Já que era pra matar, ela iria executar essa ação com toda sua coragem e determinação. Pegou sua espada e seu escudo e começou a correr em direção aos muros do reino. No meio do caminho, foi surpreendida por uma chuva de flechas vindas do céu, passando por cima dos grandes muros. Layla então procurou abrigo debaixo das tendas da feira principal, mas não foi poupada dos ferimentos. Duas flechas acertaram sua perna esquerda. Ela logo se sentou no chão e com o auxílio de sua espada, cortou os cabos da flecha e retirou a ponta de sua carne, o que causou um enorme sangramento. Layla então corta um pedaço do tecido da tenda e a amarra em sua perna com bastante força. O sangramento é contido, então ela se levanta e continua indo em direção ao muro.

Já era de noite, e a guerra continuava. Agora mais agressiva, com flechas de fogo sendo lançadas de ambos os lados. Layla agora estava junto com os soldados em cima do muro, vigiando para ver se nenhum soldado inimigo iria atacar o reino cara a cara com os soldados Astorianos. Um tempo se passou e tudo ficou calmo. Ninguém atacava ninguém. Estava um breu. Só se ouvia o som das corujas na calada da noite.

Alguns soldados então resolveram dormir. Essa era a chance de Layla sair de seu posto e tentar, de alguma forma, conversar com seu amigo Gustavo. Ela desce do muro, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Ao passar para o lado de fora do muro, caminha lentamente pelo vale das sombras para não ser vista pelos soldados solarianos. No meio do caminho ela percebe que um grupo de soldados está indo em direção ao castelo de Astoria. Nessa hora Layla não sabia se voltava para avisar seus companheiros ou se continuava para ir falar com Gustavo. Ela então seguiu a voz de seu coração, e continuou andando em direção a Solaria.

A maioria dos soldados Solarianos estavam vigiando a porção de terra leste, que era a porção de terra doada pelo reino de Astoria para a prosperidade e fartura de alimento do reino. E lá, os soldados Astorianos também estavam se preparando para confronta-los, já que aquela parte era propriedade do rei Dominos II. Layla finalmente chegou perto dos muros de Solaria.

Já estava amanhecendo, e quando Layla estava pronta para adentrar para dentro do muro, ouve gritos e tiros de canhões vindos do lado leste. Os Astorianos estavam atacando os soldados de Helios Sun. Neste mesmo momento, os portões de ambos os reinos foram abertos, liberando todos os soldados para lutarem. Os soldados Solarianos começaram a correr em direção a Astoria, e nem perceberam a presença de Layla ali. Ela então aproveitou a oportunidade para entrar lá dentro e procurar Gustavo.

Dentro da cidade, Layla começou a procurar por seu amigo. Porém, os comerciantes de Solaria a reconheceram e foram para cima dela, a atacando. Layla então não teve escolha, tirou sua espada da cintura e começou a desferir golpes mortais em todos que se aproximavam dela. Pelo chão só ficaram membros decepados dos corpos das pessoas e sangue, muito sangue. Conforme ia caminhando em direção ao castelo, que era o lugar que provavelmente seu amigo estava, soldados começaram a aparecer para tentar impedir sua entrada. Como a ordem dada a eles era cortar a cabeça e arrancar o coração de quem cruzasse seis caminhos, muitos deles estavam armados com enormes foices. Layla não se sentiu intimidada e foi pra cima. Cada golpe dado, sangue jorrava, e pedaços de corpos caíam ao chão.

De repente, Gustavo aparece na escadaria do castelo e avista aquela cena perturbadora. Logo ele percebe que era sua amiga quem estava ali lutando, então resolve intervir.

G- SOLDADOS! Deixem essa soldada Astoriana sob meu controle! Ela terá o fim que merece!

Logo, os soldados que restaram em pé obedeceram a ordem do garoto e seguiram em direção a guerra fora dos muros do reino. Gustavo pega Layla pelo braço com violência, e a puxa para dentro do castelo, a levando até um dos calabouços. Não havia ninguém lá dentro, somente eles.

G- Pronto! Agora estamos sós!

L- Ai, até que enfim! Não aguentava mais ser arrastada pelos cantos!

G- O que você tá fazendo aqui sua doida?

L- Eu precisava te contar uma coisa! Eu acho que tem um jeito de acabar com essa guerra, mas eu preciso de sua ajuda pra isso!

G- Tenho até medo disso! mas enfim, o que você tem pra me contar de tão urgente?

L- Eu sei quem é a bruxa de quem os comerciantes daqui estavam falando!

Gustavo olha para Layla com um olhar de espanto e raiva.

G- COMO ASSIM VOCÊ SABE QUEM É? VOCÊ DISSE PRA MIM QUE NÃO HAVIA NENHUMA BRUXA NO REINO DE ASTORIA!!!

L- Eu sei... eu disse.... mas foi para protegê-la.

G- PROTEGÊ-LA? POR CAUSA DISSO ESTAMOS EM GUERRA!!!

L- Gustavo, por favor, tenta se acalmar e me escuta!

G- SE ACALMAR??? VOCÊ MENTIU PRA MIM!!!!

L- Não foi por mal!

G- Eu deveria cumprir a ordem do rei Helios e cortar sua cabeça e arrancar seu coração!
Você é uma traidora!

L- Gus, me perdoa!

G- Não vem com esse papinho agora não!

L- Me escuta!!!

Gustavo empurra Layla para dentro da cela do calabouço e a tranca.

G- Você vai ficar aí até segunda ordem do rei Helios!

ele se vira para trás, guardando a chave em seu bolso, e pronto para ir embora de lá.

L- EU SOU A BRUXA!

Gustavo para e se vira lentamente.

G- Como é?

L- EU SOU A BRUXA GUSTAVO!!!

G- não, você só pode estar de brincadeira!

L- Não, eu não tô!

G- A gente convive juntos a mais de 10 anos, e você nunca me contou isso????

L- Eu tive medo do que você iria pensar a meu respeito.

G- Do que eu ia pensar??

L- Você tem um carinho enorme por mim... achei que se eu contasse você manteria distância de mim e nunca mais falaria comigo, ou tentaria me matar.

G- Tem razão! Claramente eu iria te matar!

Layla olha com expressão de espanto. jamais passara por sua cabeça que seu melhor amigo teria coragem de matá-la, a sangue frio.

L- mas olha... a gente pode acabar com tudo isso! juntos!

G- Não! eu não vou te ajudar! você traiu minha confiança!

L- Mas Gus...

G- Não me chame assim!

L- Para com isso! Você não é assim!

G- Você não manda em mim!

L- Você sabe muito bem do que eu sou capaz não é? ainda mais agora que você sabe a verdade!

G- Eu não tenho medo!

L- Se você soubesse o porquê disso, não agiria dessa forma comigo!

Ele se aproxima da grade da cela.

G- Por quê? hein?- ele diz com voz firme e com ódio no olhar

Layla olha no fundo de seus olhos e respira fundo. Com uma voz fria ela responde.

L- Pelo simples fato de eu ter sido violentada anos atrás!

Ela o puxa pela gola da armadura, o fazendo bater contra a grade da cela. Ele cai no chão inconsciente. Ela arrebentou a fechadura da porta e saiu do calabouço, largando seu amigo no chão. Antes de sair, ela retirou o anel de seu dedo, e colocou no chão, ao lado dele. Ela subiu as escadas e saiu dentro do castelo, e logo percebeu que todos os soldados do reino de Solaria, inclusive o rei, não estavam mais lá. O sol brilhava forte, e os sons de canhões atirando podiam ser ouvidos a quilômetros de distância.

Layla sai correndo de dentro do castelo, em direção ao seu reino. no meio do caminho, ela encontra soldados Astorianos, que a reconhecem como membro do grupo. Ela passa por eles e diz que vai retornar para o reino, para tratar de seus ferimentos. Os soldados confirmam com a cabeça e ela segue de volta pra casa. A atmosfera no ar era pesada, carregada de dor e sofrimento. Layla vê pelo chão corpos e mais corpos, com membros arrancados, sangue inocente derramado.

Ela está se aproximando de sua casa. As tendas da feira estão pegando fogo, as casas dos moradores estão totalmente queimadas. O castelo do rei Dominos II estava em ruínas, vitrais quebrados, bandeira queimada, bolas de canhões presas nas paredes e na escadaria, tudo destruído.

Layla finalmente chega em sua casa, que também está bem destruída. Ela rapidamente vai procurar por seu gatinho Salém.

L- SALÉM!! CADÊ VOCÊ???

Logo, o gatinho preto aparece, saindo debaixo do sofá. Ele tinha alguns ferimentos nas patas, estava coberto de poeira de cimento.

L- Ai, graças a Deus você tá bem!! - Ela o abraça.

L- O Gustavo agora sabe a verdade! Provavelmente ele vai contar para o rei Helios e eles vão vir atrás de mim e me queimar viva em praça pública!
Preciso criar um plano para acabar com essa guerra, mas primeiro tenho que passar despercebida entre os soldados, como se fosse uma humana normal.

Layla pega tudo o que sobrou de seus artefatos místicos. Cristais, caderno de anotações e ervas curandeiras. Ela guarda tudo em uma bolsinha e procura um outro lugar para se estabelecer. Como o rei Dominos estava comandando a guerra lá na porção leste, ela ficou escondida dentro do castelo. Em um dos quartos dos serviçais, Layla organizou um pequeno altar com suas ervas, pegou algumas velas que encontrou na gaveta e acendeu, deixou seu caderno aberto em uma página onde estava escrito *magia da paz*. Ela se concentrou, respirou fundo e pegou um de seus cristais, e recitou algumas palavras.

the sun, the moon, the truth

No mesmo instante, ela sente um choque muito forte na mão direita, e percebe uns raios bem pequenos saírem do cristal que ela estava segurando. Ao olhar para sua mão, percebe que em seu dedo está a marca do anel. Ela então se dá conta que só pode acabar com a guerra, se Gustavo estiver junto com ela. Mas como? Ele estava muito chateado com ela, pelo fato de ela ter mentido.

Esse é o único jeito de acabar com a guerra? Layla se questiona.
Ela percebe que não. A guerra pode ser encerrada com a morte da bruxa.
Para isso Gustavo teria que matá-la, pois ele era do Reino vizinho. Mas a que custo? Os reinos finalmente teriam paz, e Gustavo viveria com aquele remorso no coração, pois a bruxa é sua melhor amiga. Mas e se ela cometer suicídio? seria uma boa alternativa, pois assim Gustavo não seria o responsável por sua morte, mas ainda sim sofreria com sua perda.

Layla estava muito confusa com tudo, ela queria acabar com a guerra, mas ao mesmo tempo não queria ver seu amigo com remorso de sua morte. Seus pensamentos estavam embaralhados, sua visão estava turva, o sentimento de tristeza estava misturado ao de raiva, por ela mesma ter causado todo esse conflito. Então, num ato involuntário, ela pega a sua adaga de cima do altar e a passa em seu pulso e no mesmo instante a lâmina da adaga se parte em milhões de pedaços. Lâminas, Flechas, tiros. Nada mata uma bruxa. Somente o fogo. Layla fica assustada com a cena que acabara de fazer e desaba em prantos. Salém,

seu gato, vai até ela, que está sentada no chão com a cabeça baixa, e deita em seu colo, em forma de conforto.

Logo a noite caiu, mas mesmo sob a luz da lua cheia a guerra continuava.

Do outro lado, no castelo de Solaria, Gustavo acorda, ainda está meio confuso por causa da pancada. Ele olha ao redor e percebe que Layla não está mais na cela. Ao apoiar a mão no chão para se levantar, vê que o anel que ele havia comprado para ela estava no chão. Ele pega a peça de ouro nas mãos e se levanta. Então um filme começa a passar em sua mente. Ele guarda o anel no bolso e sai do calabouço, subindo as escadas e indo em direção a pequena aldeia que ficava em volta do castelo. Lá, ele entrou em uma das casas que ainda estavam inteiras. Não havia ninguém por ali, estava tudo deserto, abandonado. Muitos moradores dali estavam lutando na guerra na porção leste, enquanto outros haviam morrido por conta dos bombardeios. Gustavo se senta em uma cadeira que ainda restava naquela casa, e começa a refletir sobre tudo o que sua amiga havia falado. Ele retira o anel do bolso e começa a olhar fixamente para o pequeno cristal roxo em sua ponta. Ele percebe que há um pequeno feixe de luz saindo desse cristal. Ele pensa ser o brilho do luar lá de fora, e apenas ignora. Como ele estava muito cansado, adormeceu por ali mesmo.

A madrugada veio e com ela, ainda os barulhos incansáveis de bombas, flechas e gritos.

Layla estava deitada no chão, com o gatinho ao seu lado. Os constantes ataques não deixavam ela dormir. Então ela resolve se levantar e ir até a janela do quarto. Ela abriu a janela, e pode sentir a brisa do sereno batendo em seu rosto, que estava com uma expressão triste e pálida. Logo o cheiro de fumaça e pólvora tomam conta do ar e junto com ele gritos que podiam ser ouvidos a quilômetros de distância.

Layla sabia que precisava intervir nisso de alguma forma, mas claramente isso custaria sua vida. Ela então prefere continuar ali, escondida, até que sua coragem e sentimentos estejam todos no lugar, para que quando chegar a hora ela não faça nada de muito grave com as pessoas. Ela fecha a janela e se deita no chão novamente, logo adormece.

Enquanto isso, a guerra na porção leste continua. Dezenas de soldados e civis mortos. 20 canhões de cada lado, ameaçando atirar a qualquer momento. Um avanço do exército Astoriano estava acontecendo. Eles estavam quase recuperando suas terras. Mas O rei Helios não queria saber de derrota, mandou seus soldados ativarem os 20 canhões e um enorme bombardeio começou. A mira dos canhões era voltada para a pequena vila a frente do Castelo do rei Dominos II. Tudo ali foi destruído. casas, plantações, vidas, famílias. Tudo. O que restou foi apenas a terra avermelhada, cinzas e a dor.

Rei Dominos, ao ver que havia perdido toda a sua vila, a fonte principal da economia do reino, mandou ativar também seus canhões, e esses estavam apontando para o castelo de Solaria. Em menos de 10 segundos, todos os canhões atiram, destruindo completamente o castelo do rei Helios, que fica furioso. Logo então, os soldados começaram a guerra de verdade, lutando corpo a corpo, venceria o exército que tivesse mais pessoas em pé. E assim se estendeu por toda a madrugada.

Dia seguinte. O sol brilhava forte, refletindo sobre as lâminas das espadas dos guerreiros, que ainda estavam ali, lutando por um pedaço de terra. Logo os raios de sol adentraram a janela do quarto, refletindo sobre o rosto pálido de Layla, que logo abriu os olhos, vendo que já era de manhã. Ela então se levanta do chão e vai até seu altar, pegando algumas ervas

para alimentar seu gatinho e a ela mesma. Ela folheia seu caderno de anotações, procurando alguma magia para deixá-la mais calma. Ela encontra, porém precisa de uma erva específica, a qual ela não tem. Mas ela se lembra de ter visto essa erva perto da fonte da vila. Então ela pega sua bolsinha, coloca sua adaga dentro e sai do castelo em direção a vila.

Todos os soldados, de ambos os lados, estavam guerrilhando na porção leste, ou seja, estava tudo deserto, não havia uma alma sequer.

Do outro lado, Gustavo é acordado com um tremor muito forte. Um dos canhões do exército Solariano havia sido derrubado. Ele logo se levanta e sai da casa para dar uma olhada ao redor. Ao sair, percebe que o castelo está totalmente destruído, o que restaram de pé foram somente as enormes colunas de concreto. Ele então coloca as mãos sobre a cabeça. Tudo estava indo de mal a pior. E por culpa de quem? Da Layla? Não!

Gustavo, depois de refletir muito, percebeu que a culpa não era de sua amiga e sim do preconceito dos próprios reis. Ele finalmente entendeu o conceito de bruxaria de sua amiga. Ela não se tornou bruxa para fazer mal para as pessoas, ela se tornou bruxa porque viu na bruxaria, a cura para seus traumas. Ele retira novamente o anel do bolso e percebe que aquele feixe de luz está mais forte e brilhante. Ele parecia estar apontando para uma direção específica, então Gustavo pegou sua espada, a colocou na cintura e saiu caminhando para onde o feixe apontava.

Layla cruzou o muro do castelo em direção a vila. Gustavo cruzou os grandes muros do reino. Ela caminhava olhando para o chão, vendo todos os rastros de destruição. Ele caminhava pelo vale das sombras, onde não havia nem um sinal de vida, só algumas árvores queimadas. Layla passa pela feira principal, todas as tendas estão em cinzas, todas as mercadorias espalhadas pelo chão. Gustavo cruza os grandes portões de Astoria, e percebe uma atmosfera de dor e tristeza por todos os lados.

Finalmente ela chega até a fonte. Finalmente ele chega até a feira principal. O feixe de luz o levou até ela. Layla se abaixa para pegar as ervas que estavam num cantinho. Gustavo a vê de longe. Ao se levantar, ela olha para frente e percebe a presença dele. Layla o olha por 2 minutos, dá as coisas e vai embora. Gustavo fica parado, mas logo corre atrás de sua amiga.

Layla percebe que ele está correndo atrás dela, mas continua caminhando. Logo ele começa a se aproximar mais. Layla pega sua adaga da bolsa e se prepara para interceptar Gustavo.

G- Layla!! espera!! vamos conversar!

Layla se vira rapidamente, apontando a adaga para frente de Gustavo, o fazendo parar em sua frente.

L- Eu não tenho nada pra falar com você! - ela diz com voz firme, cheia de raiva.

G- Eita calma aí! Me escuta vai!

L- Escutar o quê? Que você agora tá arrependido por ter me falado aquelas coisas? Tá arrependido por ter me trancado naquele calabouço??- ela vai andando em direção a ele, ainda apontando a adaga para ele

Gustavo vai dando passos para trás.

G- Lay, guarda essa adaga por favor.

L- Não me chame assim! se eu não posso te chamar por apelido, você também não pode!

Ele respira fundo.

G- Tá bom! olha só, eu refleti sobre tudo o que você havia me dito aquele dia. Agora eu finalmente consegui entender o seu lado da história. Eu posso te ajudar!

L- Agora é tarde Gustavo! Não quero sua ajuda!

G- Mas... você cruzou aquele campo de batalha todo pra ir atrás de mim pedir ajuda e agora não quer???

L- Como eu posso confiar em uma pessoa que disse que claramente me mataria?

Ela vira as costas e sai andando.

Gustavo, inconformado, caminha até ela novamente e pega em seu braço.

G- Ei volta aqui! Vamos conversar pelo menos!

L- TIRA A MÃO DE MIM!

Layla desfere um golpe com a adaga na mão de Gustavo, que consegue se desviar. Os dois então começam uma trocação de socos e chutes. Ele a puxa pelo braço, tentando desarmá-la. Ela rapidamente se esquivando do desarme, travando o braço de seu amigo para trás e o empurrando contra o muro. Ele dá uma rasteira na perna de sua amiga que cai no chão, o puxando junto. Ela tenta se levantar, mas ele a impede, segurando suas mãos contra o chão e apoiando seu corpo sobre o dela. Eles se encaram por alguns segundos e Layla desfere um chute no tórax de seu amigo, ele cai pro lado, e ela segura suas mãos contra o chão e apoia seu corpo sobre o dele. Eles se encaram por alguns segundos. Logo um clima começa a tomar conta da atmosfera. Eles começam a aproximar seus rostos em câmera lenta. Layla sente uma energia muito forte e num movimento involuntário, ela desfere um tapa no rosto de Gustavo, sai de cima dele e pega seu rumo. Ele se levanta sem entender nada.

G- O que é que foi isso??

L- Não sei! E não quero saber!

G- Layla, para de agir assim, por favor!

Layla respira fundo e para de andar.

G- Olha, me desculpe! Tudo o que eu falei naquele dia foi por impulso, eu tinha ficado muito bravo na hora. me perdoa.

Ela se vira e olha para ele, com um olhar sem vida.

L- Quem garante que você não está apenas fazendo uma encenação?

G- Desde quando eu faço uma coisa dessas?

L- Eu não sei, talvez o rei Helios tenha feito lavagem cerebral em você.

G- Eu juro pela nossa amizade que eu não tô fingindo nada. E eu juro pelo carinho que eu tenho por você que eu não vou te matar.

Layla olha no fundo de seus olhos e se aproxima dele lentamente. Então, num movimento rápido, ela o abraça bem forte, apoiando sua cabeça no peito de seu amigo e começa a chorar. Gustavo a prende num abraço demorado, porque sabia que ela estava péssima com tudo isso que estava acontecendo. Ela levanta seu rosto e olha para ele.

L- É tão bom ter você de volta Gus!

G- Eu digo o mesmo!

L- Vem comigo, vamos para dentro do castelo, não é seguro aqui fora.

G- Tudo bem!

Layla pega na mão de Gustavo, o levando até o castelo, onde ela estava se abrigando. Chegando lá, ele percebe que o estrago no reino foi muito grande. Chegando no quarto, ela mostra todos os seus artefatos místicos, seu caderno de anotações, e seu gatinho. Gustavo se senta na cama.

L- Olha, esse aqui é o Salém! - Diz ela com o gatinho no colo.

G- Nossa, que fofinho! - ele diz fazendo carinho no bichano

Layla então se senta ao lado de Gustavo.

L- Não há muito o que fazer quanto a essa guerra. Eles só vão parar se um deles conquistar a porção leste do território e a bruxa, no caso eu, morrer.

G- Esse negócio tá complicado demais. Tem certeza que não há outro jeito?

L- Ter até tem. Porém você não vai gostar nem um pouco deles.

G- Depende, quais são?

L- Você me matar, eu cometer suicídio ou eles me queimarem viva na fogueira em praça pública!

Gustavo sente um nó no estômago

G- Credo.

L- O suicídio eu já tentei e não dá certo, a lâmina da outra adaga quebrou.

G-VOCÊ O QUÊ?

L- Mas calma, relaxa, eu tô bem.

G- Como assim você tentou se matar?? Você pretendia me deixar sozinho nessa guerra??

L- Eu não tinha essa intenção, foi involuntário, eu estava confusa. - ela diz com a voz trêmula, pois estava nervosa.

G- Eu achei que você se importava comigo, pelo visto não. - Ele se levanta pronto para ir embora.

L- Não é isso, é claro que eu me importo com você! ai Gustavo, volta aqui!! - Ela também se levanta e vai atrás do amigo.

Eles continuam a discussão no corredor do castelo, que ecoava cada palavra que eles diziam em tom muito alto. A discussão dura umas meia hora. Como Layla não aguentava mais essa ladainha toda, resolveu acabar com isso logo. Puxou o rosto de Gustavo contra o dela e deu-lhe um beijo.

L- Tá bom ou quer mais? Tu não cala a boca nunca!

Ele a olha sem reação e não expressa nada, apenas a puxa de novo, ela se desequilibra e os dois caem no chão. Eles começam a rir, e ficam ali, deitados, um ao lado do outro.

Na porção leste do território Astoriano, a guerra não estava nem perto de seu fim. O rei Dominos havia conseguido avançar alguns metros, porém rei Helios contra atacou, fazendo-o recuar novamente. O reino de Astoria já havia perdido cerca de 10 mil soldados e o reino de Solaria 15 mil. Mas ainda estava longe de acabar. O Rei Helios queria de todas as formas encontrar a tal bruxa e acabar com ela, então resolve chamar seus melhores soldados da corte (incluindo Gustavo), para irem até o reino vizinho e ver se havia alguém por lá “escondido”. Foram chamados ao todo 30 soldados, porém, só 29 se apresentaram, faltando Gustavo, que estava lá com sua amiga. O rei Helios achou estranho a falta de Gustavo, pensou que ele já tivesse sido morto em combate, então ordenou que se os soldados encontrassem seu corpo, o trouxessem até ele. Assim eles fizeram, foram procurar pelo corpo de Gustavo e vasculharam as ruínas de Astoria.

Eles adentraram o reino, que estava totalmente irreconhecível. Tudo o que restara foram concretos quebrados, casas incendiadas, e um lugar abandonado. Aparentemente não havia ninguém por ali. Eles vasculharam tudo. Até que um dos soldados propôs eles darem uma olhada no castelo, porque era a parte do reino que mais estava “inteira”. Todos concordaram, então 14 soldados ficam de guarda lá fora, enquanto 15 soldados entram para revistar tudo. Eles entraram, e procuraram por tudo, em todos os quartos.

Layla sentiu a presença dos soldados Solarianos lá dentro, e avisou Gustavo.

L- Tem soldados Solarianos por aqui!

G- São os soldados da corte do rei Helios!- ele diz com uma expressão estranha.

L- Quantos exatamente?

G- Eles são trinta!

L- Percebi a presença de 15 aqui dentro e 14 lá fora! são 29! Está faltando um!

G- O trigésimo sou eu.

L- Eita... provavelmente eles estão atrás de você.

G- Se eles me pegarem aqui com você, vão matar nós dois.

L- Relaxa, eu tenho um plano, a gente só precisa...

Antes que ela pudesse terminar a frase, 5 soldados entram no quarto em que eles estão. Todos se olham assustados, o gato preto sai correndo e pula a janela, e logo os soldados já deduzem que ela é a bruxa. Num ato rápido, os soldados pegaram suas espadas e foram em direção aos dois. Gustavo tentou impedir os soldados, mas eles o seguraram, imobilizando seu corpo. Layla num movimento rápido pegou sua adaga e sua bolsa e pulou a janela, caindo sobre um arbusto de rosas, logo saiu correndo.

Os soldados até tentaram ir atrás, mas ela sumiu num passe de mágica. O líder dos soldados então aparece no quarto, indo em direção a Gustavo, que está com os braços para trás, sendo segurado por 4 soldados. O Líder o olha com olhar frio, esbanjando muito ódio. Gustavo sabia que algo muito ruim estaria por vir. Os soldados voltaram para a porção leste, onde estava o rei Helios. Chegando lá, colocaram Gustavo de joelhos em frente ao rei, com uma espada apontada para seu pescoço, e o líder dos soldados pôs-se a falar.

LS- Vossa majestade! O soldado Gustavo estava no reino de Astoria, mais especificamente no castelo, junto com a bruxa!

H- Então os boatos eram verdadeiros!- ele diz coçando a barba.

LS- Tentamos capturá-la, mas ela escapou e sumiu.

H- Soldado! Prenda ele no calabouço e o deixe lá até segunda ordem!

LS- Sim senhor!

H- O rei Dominos mentiu para mim! Vamos pôr um fim a esse conflito de uma vez por todas!

O rei caminha até onde todo seu exército está.

H- SOLDADOS!! os boatos eram verdadeiros! O rei Dominos traiu nossa confiança! Quero que todos vocês, procurem por essa bruxa, capturem ela e a tragam até mim! E quanto a guerra, continuem até que todo o exército Astoriano esteja morto, inclusive o rei!

Todos os soldados obedecem às ordens de seu rei. E a guerra começa a ficar ainda mais sangrenta. No centro do campo de batalha, um enorme campo de girassois, que agora é somente um campo de terra, o conflito era mais intenso, era corpo a corpo, espada com espada. Dezenas de corpos já estavam no chão, mortos, com membros faltando, e sangue, muito sangue.

O Líder dos soldados levou Gustavo até o calabouço, o deixando trancado na pior cela. Ela era pequena e muito apertada, mal dava para caminhar, havia apenas um amontoado de tecidos que imitava uma cama. Além disso, sua perna esquerda foi acorrentada à parede, para que não houvesse nenhuma tentativa de fuga dali. Mas quanto tempo isso duraria? dias, semanas, meses, anos? até a guerra acabar? ou quando matassem a bruxa? Nada se sabia, o que ele escutou era “ até segunda ordem”. Mas que segunda ordem seria essa? pena de morte? Tudo era um ponto de interrogação para ele, seu destino era incerto. A única coisa em que ele pensava era em como estava Layla, será que ela estava bem? Será que conseguiu fugir? Será que foi capturada? Será que vai ser morta?. Ele então se senta no chão, angustiado, pois não poderia mais ajudar sua amiga.

Na Floresta Perdida estava Layla e Salém, caminhando entre a sombra das árvores secas e mortas. Estavam sem rumo, não podiam voltar para Astoria, os soldados de Solaria estavam atrás dela. Eles seguem caminhando pela floresta, e tudo o que vêem é a escuridão, aquela floresta era conhecida por seus mistérios. Diz uma lenda Astoriana que quem adentrou aquela floresta jamais voltou para contar o que havia no fim dela, e realmente, todos que entraram lá, nunca mais foram vistos. Mas Layla não temia a morte, já estava ali e iria continuar até o fim. Conforme ia andando, podia sentir a brisa triste do vento que batia em seu rosto pálido, fazendo seus lindos cabelos pretos voarem. Ela tinha uma expressão cansada, seus olhos estavam entreabertos, a energia daquela parte da natureza era tão ruim que estava afetando seu corpo, mas isso não a impediu de continuar. Ela caminhou por exatas 2 horas e quando chegou ao fim da floresta, viu a lua cheia brilhando no céu. Os sons da batalha estavam mais altos, pareciam estar perto dali. Ela caminhou mais um pouco e avistou um pequeno riacho, e foi até ele pegar água. Salém bebeu muita água, estava muito cansado. Layla enche seu cantil e alguns frascos de vidro que estavam em sua bolsa. Na borda do riacho, ela percebe que há algumas ervas, então ela as pega e as guarda em sua bolsa também. Ao olhar para o outro lado, percebe uma pequena casinha escondida no meio de folhagens. Ela atravessa o rio e vai até a casinha. Ao chegar perto, percebe se tratar de uma cabana de cigana. Ela bate na porta, mas ninguém atende, ela dá um pequeno empurrão e a porta se abre, estava apenas encostada. Layla entra e vê uma vasta

sala cheia de artefatos místicos, cristais, incensos, livros e vários pentagramas desenhados nas paredes, fora o sal grosso na borda das janelas. O lugar estava abandonado há séculos e estava todo revirado, provavelmente alguém já havia passado por ali. Ela vê que há um livro aberto em uma página específica de um livro, um livro de magia.

Na página do livro dizia:

“ a paz entre os reinos de solaria e astoria só reinará se ambos souberem aceitar bruxas e ciganas em seu território. Se não souberem, será necessário que duas pessoas, uma de cada reino, assuma sua liderança, mais especificamente, um soldado solariano e uma bruxa astoriana. Eles deveram partilhar de uma mesma joia, um anel feito com o mais fino ouro de solaria e uma pedra ametista, encontrada somente nas profundas cavernas aquáticas do pacífico norte. Feito isso, ambos os reinos terão muitos anos de glória e conquistas, caso contrário, só haverá desgraça e mortes”.

Ao ler isso, Layla ficou totalmente em choque. Todas as condições escritas naquele livro de séculos atrás, batiam com o presente momento dela e de seu amigo Gustavo. Os dois são destinados a serem os novos líderes, rei e rainha dos reinos, para que tudo volte a ser como era, e eles alcancem muitos anos de glória e conquistas com os reinos. Ela então pega o livro da mesa, e começa a folhear, procurando alguma coisa sobre a queimadura em seu dedo.

“quando esse anel for colocado no dedo da bruxa, ela pode sofrer uma pequena queimadura, indicando ali o selamento da magia”

Ela continua lendo.

“ se acaso a bruxa retira o anel de seu dedo e o deixa em algum lugar e o soldado o encontra, ele poderá facilmente encontrar a bruxa novamente, já que a ametista irá emitir um feixe de luz na direção em que a bruxa está”

Será que foi por isso que Gustavo a encontrou em Astoria? Ela havia retirado o anel de seu dedo e o deixado ao lado de Gustavo naquele dia.

Então é isso, eles devem assumir os tronos de ambos os reinos para que a guerra acabe e a pequena ilha no pacífico possa ter glória e prosperidade ao longo dos anos que estão por vir. Mas como? Rei Dominos e rei Helios queriam matar a bruxa, e agora que os soldados Solarianos sabem quem é ela, isso já chegou aos ouvidos do rei Helios. Como acabar com essa guerra então? Layla pensou muito, mas como já estava tarde, decidiu dormir por ali mesmo naquela cabana.

No dia seguinte a guerra continuava. Parecia nem estar perto de acabar. Os soldados criaram trincheiras por toda a extensão do território que eles queriam para não serem atingidos por flechas e outros tipos de armamentos. As trincheiras tinham mais de 2.000 km de extensão e 2 metros de profundidade. Cada reino avançava poucos metros para frente, mas nunca conseguiam tomar todo o território para si, pois sempre havia um contra ataque logo em seguida. Eles passavam horas assim, e quem saísse da trincheira, levava flechada. Havia vários soldados escondidos nas partes mais altas da porção leste, só esperando algum soldado inimigo sair do buraco.

Gustavo continuava lá, preso, acorrentado naquela cela minúscula. De vez em quando aparecia um soldado para lhe trazer comida e água, mais especificamente pão e água. Nada que desse para matar a fome realmente, mas o suficiente para se manter vivo. Ele era vigiado constantemente por um soldado, que ficava na porta da cela. Não poderia fugir mesmo que quisesse. E ele não queria, pra quê iria fugir, se não teria quem encontrar depois que saísse dali? Ele já havia perdido as esperanças em sua amiga, ela não conseguiria ir tão longe a pé, havia soldados Solarianos por todos os lados de Astoria, ela estava cercada. Vira e mexe, Gustavo ouvia conversas dos soldados, que diziam quase sempre que ainda estavam procurando pela bruxa. Isso o deixava um pouco mais calmo, era sinal de que sua amiga ainda estava viva.

Layla acordou com o sol entrando por uma fresta da janela. Salém estava em seu colo, lambendo sua mão. Ela logo se levanta e vai procurar algo para comer. Para sua sorte, havia algumas frutas em cima da mesa da cozinha. Pareciam estar ali a dias, mas estavam em perfeito estado. Ela cortou uma maçã ao meio e deu uma das partes para seu gato. Eles comeram, e logo depois, Layla foi até a estante de livros, procurar por mais informações sobre aquela magia. Ela encontra diversas magias interessantes, sobre cristais, ervas naturais, fases da lua e magia das cores. Até que ela se depara com a magia do selamento de paz dos reinos. Ela lê e logo já pensa em um plano para acabar com essa guerra. Primeiro ela iria lutar com todos os soldados, depois encontrar Gustavo, pegar o anel e dizer as palavras do selamento. Mas antes, ela precisava de uma armadura ou uma roupa para o combate. Ela então resolve procurar alguma coisa em um dos baús que há no quarto da cabana. Ela revira tudo, e encontra um uniforme vermelho, que possui um capuz e uma máscara. Ela o coloca, e percebe que está de acordo com o que ela precisa. Ela continua a mexer no baú, e vê que ele possui um fundo falso. Dentro dele havia uma espada, de lâmina fina feita de prata, seu cabo era revestido, cheio de diamantes. Layla fica maravilhada com tanta beleza e a pega, colocando-a em sua cintura. Então ela pega sua bolsa, sua adaga, o livro com a magia, seu gatinho, e sai da cabana, em direção à porção leste do território Astoriano, onde está acontecendo a guerra.

Ela caminha até a Floresta Perdida, de volta para o reino. No caminho, ela começa a perceber porque ninguém nunca conseguiu voltar. A Floresta possui um sistema de defesa, que solta um gás altamente tóxico, impedindo suas vítimas de respirarem. Como ela era uma bruxa, isso não a afetava. Ela caminhou por mais 2 horas até chegar de volta ao reino, e de longe, já pode ver ele todo cercado por soldados Solarianos. Layla então pede para seu gatinho ir até os soldados, criando meio que uma distração para ela conseguir ir até lá e matá-los. Assim ele fez, foi caminhando até os soldados e passou correndo na direção oposta em que ela estava, os soldados logo o viram e foram atrás dele. Nisso, Layla apareceu atrás deles já com sua espada nas mãos. Então eles tentam prendê-la, o que obviamente não dá certo. Com movimentos rápidos, Layla mata 5 soldados, cortando suas cabeças. Os soldados restantes resolvem apelar, indo para cima dela com tudo o que tinham, espadas e adagas. Mas ela tinha movimentos precisos e um reflexo muito rápido. Em questão de segundos ela os derrota também, alguns com um buraco no peito, outros com cortes na garganta. Em menos de 10 minutos, Layla já estava coberta de sangue, mas isso não importava, ela estava preocupada em como iria achar seu amigo para realizar o selamento. Então ela pega Salém, e eles seguem em direção ao leste da ilha.

Layla caminhou por horas, o sol estava brilhando forte. Parecia não chegar nunca ao local. Mas depois de subir o vale das flores, ela finalmente conseguiu avistar o campo de batalha. Ao redor estava sem vida, plantas, animais, tudo. Só se viam canhões apontados para ambos os lados, as trincheiras, e muitos soldados mortos. Ela então desce o morro, indo em direção aos soldados, que depois de muita luta dentro das trincheiras, resolveram voltar ao combate corpo a corpo. Havia dezenas de milhares deles. Mas ela não se intimidou, seguiu firme até eles. Chegando perto deles, ela pediu para que Salém se escondesse, para que não se ferisse, então o gatinho se escondeu numa caverna que havia ali perto. A guerra agora iria ficar mais intensa e sangrenta.

Layla caminhou tranquilamente entre os soldados lutando, e quando chegou bem no centro do campo, tirou seu capuz revelando sua identidade. Logo, os soldados da corte do rei a reconheceram e gritaram para todos ouvirem, que ela era a bruxa. O rei Dominos logo olha espantado. Ele jamais imaginaria que essa história toda fosse verdade, e que ela, que praticamente morava dentro dos muros do castelo, fosse a tal bruxa. Ele logo ordena que seus soldados a matem. Agora eram os soldados de ambos os lados contra ela. Ela olhou para os dois lados, respirou fundo e tirou a espada da cintura. Logo todos os soldados foram para cima dela, que começou a desferir golpes precisos neles. Ela não pretendia matar ninguém do exército de seu reino, mas como eles também a estavam atacando, não teve escolha. Mas seu foco mesmo eram os soldados de Solaria, esses ela matava sem dó, arrancava membros, cortava o pescoço, arrancava o coração, assim como o rei Helios havia mandado eles fazerem com ela.

O rei, por sua vez, estava vendo tudo o que estava acontecendo na guerra, e percebeu a nova integrante matando seus soldados. Então ele chama o líder dos soldados da corte, e o manda ir até o calabouço. Assim ele faz. Chegando no calabouço, Gustavo estava lá, olhando para o anel de ametista.

LS- Soldado Gustavo! trago ordens do rei Helios!

Gustavo levanta a cabeça com expressão de ódio.

LS- O rei ordena que você participe da guerra!

G- Pra quê?

LS- A bruxa reapareceu, e está matando todos os nossos soldados.

Gustavo está com expressão séria, mas por dentro estava feliz por sua amiga ainda estar viva.

G- E o que eu tenho haver?

LS- O rei ordena que você vá até lá e mate a bruxa!

G- Eu jamais vou fazer isso!

LS- Ah soldado! acho que você não entendeu! Você não tem outra escolha! Ou você salva o reino matando a bruxa, ou você vai para a forca por traição!

Gustavo pensa.

LS- Ou ela ou você! anda Gustavo, não é uma escolha tão difícil.

Gustavo se levanta do chão, indo até a grade da cela.

G- Tudo por Solaria!

LS- Boa escolha, soldado!

Gustavo é solto do calabouço. Ele veste sua armadura de soldado e segue até o rei Helios, que fica contente em vê-lo.

H- Vejo que escolheu defender seu reino!

G- O reino acima de tudo.

H- Assim que eu gosto! Agora vá lá e acabe com ela.

G- Sim senhor!

Gustavo coloca seu capacete, pega sua espada e vai em direção ao campo de batalha. Ele parece estar com ódio transbordando em seus olhos, mas também há uma nuvem de lágrimas sobre eles.

Layla está lá, dando tudo de si, decapitando a cabeça de todos os soldados que tentavam se aproximar dela. De repente ela avista Gustavo, caminhando em sua direção, arrastando a lâmina da espada sobre o chão. Ela vai ao encontro dele, pensando que ele iria ajudá-la. Mas quando ela se aproxima ele pega a espada e dá um golpe em seu braço, fazendo um corte enorme. Muito sangue começa a escorrer. ela pressiona o corte com algumas ervas que estavam em sua bolsa, pra tentar parar o sangramento.

L- Gus, o que tá acontecendo?

G- Você deve morrer!

L- Quê? Você ficou maluco? Você disse que ia me ajudar!- ela diz se afastando.

G- Bruxas não são permitidas no reino! Você merece a morte!

Ele dá um soco no rosto dela, que cai no chão.

L- Ai... para com isso Gustavo!

Ele se aproxima lentamente, estava mesmo determinado a matar sua amiga.

Ela se levanta, pegando sua espada do chão, e indo em direção a ele, dando um golpe em sua perna esquerda. Mas a armadura era muito resistente, e impediu o corte. Ele então dá um chute na perna de sua amiga, que novamente cai no chão. Ele a pega pela gola do uniforme, levantando-a. Ela olha no fundo dos olhos dele através do capacete.

L- Então é isso? você vai me matar? Pois bem! ME MATA! ANDA!!!

Gustavo a olha fixamente, essas palavras ecoam por sua mente. Ele estava pronto para cravar sua espada no tórax dela, mas hesitou. A largou no chão novamente, logo ela se levanta, tossindo um pouco.

L- Hahaha coitado! É tão fraco que não consegue nem mesmo matar uma simples bruxa!

Os outros soldados Solarianos que presenciaram a cena ficaram muito bravos, inclusive o rei. Então ele ordena que os soldados matem Gustavo, pois ele não cumpriu a ordem. Assim eles fizeram, foram atrás dele para matá-lo. Enquanto os soldados Astorianos foram atrás de Layla. E a luta continuou. Foi uma trocação de chutes, golpes de espadas, e só se via sangue voando para todas as direções. Ao menos mil soldados Astorianos já haviam sido mortos por Layla, enquanto Gustavo lutava para não ser morto pelos soldados Solarianos. De repente, Layla percebe que o sol está quase se pondo. Essa era a hora perfeita para realizar o selamento. Então ela para de lutar com os soldados de seu reino, e caminha com uma expressão de ódio profundo em direção a Gustavo que está caído no chão, perto de dois soldados Solarianos. Ela grita com os soldados, para que eles saiam de lá, como não obedecem, ela corta suas gargantas a sangue frio. Gustavo fica espantado com a cena, pois o sangue caiu sobre ele. Layla então ergueu Gustavo do chão, deixando-o ajoelhado em sua frente, olhando para todos que estavam em sua frente. Ela deixou sua espada sobre o pescoço de Gustavo, ameaçando cortar seu pescoço.

G- Desculpa! eu não queria te ferir!

L- CALA A BOCA!- ela grita com ele, puxando seu cabelo.

G- Aí... não puxa meu cabelo tão forte!

L- EU MANDEI VOCÊ CALAR A BOCA!

G- Pra quê isso agora?

Layla puxa o cabelo dele de novo, e diz baixinho.

L- Só segue o plano.

G- Ah... tá bom.

L- SENHORES DO REINO DE ASTORIA E SOLARIA!

Todos param a luta e olham para ela, inclusive os reis.

L- Eu sou a bruxa que vocês tanto procuram! E vocês presenciaram esse soldado da corte do rei de Solaria tentando me matar! O que não aconteceu! Por quê? Porque ele percebeu que isso estava errado! Isso é contra as leis da vida! Eu sou uma bruxa natural! Não sou praticante de magia negra! Sou praticante de magia branca e filosofia da natureza! E eu escolhi esse caminho por conta de ter sido violentada anos atrás! Eu encontrei na bruxaria a minha salvação! E é através dela, que eu venho acabar com essa guerra!

Ela vira Gustavo de frente para ela, e fala baixinho com ele.

L- Você ainda tá com o anel que comprou pra mim?

G- Sim, tá aqui no meu bolso. eu nunca me desfiz dele.

L- ótimo! Eu quero que você coloque ele no meu dedo.

G- O quê?

L- Confia em mim!

Ele retira o anel do bolso, pega a mão direita de Layla e coloca o anel em seu dedo. Logo, ela pronuncia as palavras do selamento.

“não tememos mais sua fogueira. o fogo não nos assusta, as bruxas vivem. a partir de hoje, os reinos estarão em paz, pois a bruxa que vos fala, encontrou a verdadeira magia no soldado inocente das ruínas de solaria”

Nada acontece. Os dois se olham com expressões tristes. O selamento não funcionou. A guerra não teria fim. E o preconceito com as bruxas continuaria vivo. Como não havia mais nada a se fazer, os dois se abraçaram, ajoelhados no chão.

De repente, a ametista do anel começa a brilhar. Emitindo um feixe de luz roxo que vai até o céu. Logo, um clarão enorme toma conta do cenário noturno. Os soldados ficam cegos por alguns segundos, mas logo voltam a enxergar, e presenciam a cena de Layla e Gustavo, com roupas totalmente diferentes. Layla, estava com um belo vestido vermelho e uma coroa prateada, Gustavo estava com uma armadura banhada em ouro, e uma coroa dourada, e agora ambos possuíam um anel de ametista.

Rei Dominos murmura.

D- As lendas eram verdadeiras. Uma bruxa e um soldado iriam assumir o trono dos reinos do pacífico.

Rei Helios fica totalmente inconformado com a situação, e ordena para que os seus soldados matem os dois. Mas o líder dos soldados da corte o impede.

Gustavo então se pronunciou.

G- Eu agora, como novo rei de Solaria, declaro que a guerra está encerrada!

Todos os soldados, de ambos os reinos comemoram, inclusive os reis.

Depois de longos três dias, a guerra teve fim. E agora, Layla e Gustavo, davam início a nova era dos reinos, cheia de conquistas e prosperidade!

fim!